

Introdução

A Filosofia de Descartes e o Cartesianismo ficaram conhecidos na história da filosofia como uma filosofia dualista. De um lado, a substância espiritual, sede de todo conhecimento possível, essência do homem, caracterizada única e exclusivamente pelo pensamento puro. De outro, a substância corporal, concebida como uma extensão indefinida, capaz de receber diversas figuras e movimentos, identificada como a própria Natureza. No entanto, este dualismo de realidades, que num primeiro momento poderia parecer a base de toda a filosofia de Descartes, na verdade se fundamenta numa descoberta mais importante ainda: a descoberta de um Deus veraz fundamento de toda a filosofia.

Diversas conseqüências surgem ao colocar Deus na origem de tal dualismo. Basta lembrarmos que toda a crítica cartesiana das formas substanciais apóia-se na distinção real entre o pensamento e o corpo. Quando vemos Descartes afirmar que não teria atingido os fundamentos de sua Física se não o tivesse buscado na Metafísica, confirmamos a vinculação de Deus à Física. Fundamentar metafisicamente a Física, no caso de Descartes, significou a construção de um sistema global de explicação da natureza totalmente dedutivo: o mecanicismo, onde os fenômenos são explicados por suas causas e a experiência fenomênica é compreendida através de princípios racionais inatos. Entende-se assim a crítica de Descartes a Galileu acusando-o de ter construído uma Física sem fundamento¹, ou, em outras palavras, de não ter fundamentado metafisicamente a Física. Ao estabelecer que os elementos constitutivos da Física são única e exclusivamente matéria e movimento, Descartes rompe com Aristóteles e, conseqüentemente, com a escolástica. Dizer que um determinado movimento de uma pedra se explica pela sua tendência a buscar seu lugar natural pois a pedra é *substancialmente pesada*, para Descartes, é explicar o fenômeno com noções obscuras que elas mesmas precisam de explicação como a noção de peso. Além disso, é atribuir consciência e vontade à pedra dizer que ela tem movimento próprio, o que é absurdo. Para buscar um determinado lugar natural é necessário antes conhecer esse lugar. Nenhum ser material tem o movimento como um princípio interno, como a lei da inércia demonstra, com exceção do corpo humano informado pelo espírito; este sim tem consciência e vontade. Descartes tem a convicção de que toda a física

¹ Carta ao Padre Mersenne de 11 de outubro de 1638.

escolástico-aristotélica das formas substanciais e das qualidades reais não passa de uma confusão entre as noções corporais e as noções intelectuais. Desta maneira, as qualidades sensíveis como o quente e o frio, as cores, os odores e sabores, que anteriormente eram consideradas reais, isto é, uma forma substancial que é sobreposta à matéria e a identifica, no mecanicismo cartesiano são apenas efeitos da interação corpo/alma. As qualidades sensíveis passam a ser modificações no espírito e não têm existência em si mesmas, não podendo por isso ser chamadas de substanciais. O mesmo ocorre com o corpo. Simples movimentos de naturezas semelhantes são a ocasião do surgimento de efeitos completamente diversos como os ruídos, os odores, a dor, etc. O “mundo colorido” como nós ordinariamente o vemos, e que foi acolhido como substancialmente real pelos escolásticos, para Descartes, é puro efeito que somente é compreendido a partir dos princípios racionais inatos ou verdades eternas, dentre as quais, a da existência de Deus é a principal, pois contém todas as demais.

A convicção racionalista de Descartes encontra na existência de Deus, simultaneamente, seu maior prêmio e sua condição de possibilidade, tomando de empréstimo, aqui, uma famosa expressão kantiana. Lembre-se que as pesquisas na matemática já enchiam-no de confiança a ponto de fazê-lo imaginar a possibilidade de uma matemática universal aplicada a toda a diversidade de objetos. A própria dúvida, que ao longo da história da filosofia tornou-se o estandarte dos céticos, converte-se numa dúvida metódica, que se racionaliza ao separar aquilo que pode ser provado apoditicamente daquilo que somente poderia ser demonstrado através de deduções quase infinitas ou mesmo improváveis. O racionalismo de Descartes é um racionalismo de princípio. A recusa em fundamentar a filosofia no conhecimento sensível perpassa toda sua obra, tendo, em alguma textos, um caráter de advertência imprescindível. Em alguns momentos, como nas discussões com Hobbes e Gassendi, Descartes chega mesmo a se irritar com a orientação empirista destes célebres filósofos.

O caminho da análise racional acaba por determinar a maneira pela qual Descartes irá demonstrar a existência de Deus. Por exemplo, a prova cosmológica que vai das coisas sensíveis até Deus pela série infinita de causalidades eficientes que exigiriam uma causa primeira, para Descartes está fora de questão, pois o conhecimento da existência das coisas

sensíveis é bem mais complexo que o conhecimento da existência de Deus e da substância pensante, não podendo ser, portanto, anterior ao conhecimento destas duas.

Na primeira prova da existência de Deus, Descartes aplicará o mesmo recurso: a causalidade eficiente. Entretanto, o ser que exigirá uma causa que explique sua existência não será mais material; ele será ideal. Assim, da própria idéia de Deus, através da causalidade eficiente, tira-se a existência de Deus, o que causou um extremo desconforto nos filósofos escolásticos que não admitiam outra causa para as idéias que não fosse a *res cogitans*. As outras duas provas da existência de Deus também seguem um caminho puro totalmente afastado do mundo sensível. A segunda prova se baseará na causa eficiente exigida pela substância pensante, não enquanto um homem de carne e osso, mas sim como um pensamento que não tem em si mesmo o poder de subsistir e de durar e, no entanto, tem a idéia de um ser que subsiste por si mesmo. A terceira prova não é nada menos que o argumento ontológico onde a existência de Deus é inferida de sua própria essência, argumento que tem uma longa história entre os filósofos.

Nosso objetivo no presente trabalho não foi outro senão mostrar os antecedentes e as conseqüências mais importantes das três demonstrações da existência de Deus mencionadas acima e revelar as principais razões sob as quais se desenrolaram estas demonstrações. Por esta razão, além das provas da existência de Deus que ocuparam todo o terceiro capítulo, também analisamos o método cartesiano, a dúvida metódica e o *cogito*, respectivamente no primeiro e segundo capítulos.